

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA (ILEEL)
LETRAS/PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

LÍNGUA, IMAGINAÇÃO E RESISTÊNCIA EM *LUA DE LARVAS*, DE SALLY GARDNER, E *1984*, DE GEORGE ORWELL

Laiene Araújo Campos¹

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Biella²

Resumo: A obra *Lua de larvas*, escrita pela britânica Sally Gardner, é um romance distópico juvenil, publicado em 2014, e ambientado em um país totalitário chamado de Terra Mãe. A história é narrada em primeira pessoa pelo personagem protagonista Standish Treadwell, um menino de 15 anos de olhos de cores diferentes e com dislexia. Nela vislumbramos a jornada desse personagem que tenta encontrar respostas sobre os desaparecimentos de seus pais, de seu melhor amigo, Hector Lush e a morte de seu amigo de sala, Eric Owen. O objetivo principal deste artigo é analisar esta narrativa ficcional e apresentar as referências à obra distópica *1984*, de George Orwell, publicada em 1949, refletimos sobre a questão linguística em ambas as obras como ferramentas de controle e dominação das pessoas. Além disso, mobilizamos conceitos sobre as distopias na literatura e, por fim, discutimos a força imaginativa de Standish Treadwell que impacta não só a forma de contar a sua história, mas também se torna uma forma de resistir ao Estado totalitário.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia juvenil; Lua de larvas; Língua; Resistência; Imaginação.

Abstract: The work *Maggot Moon*, written by the British author Sally Gardner, is a dystopian young adult novel, published in 2014, and set in a totalitarian country called Motherland. The story is narrated in the first person by the main character Standish Treadwell, a 15 year old boy with different colored eyes and dyslexia. In it, we glimpse the journey of this character who tries to find answers about the disappearances of his parents, his best friend, Hector Lush, and the death of his classmate, Eric Owen. The main objective of this article is to analyze this fictional narrative and present the references to the dystopian work *1984*, by George Orwell, published in 1949, reflecting on the linguistic issue in both works as tools of control and domination of people. Furthermore, we mobilize concepts about dystopias in literature and, finally, we discuss Standish Treadwell's imaginative force that impacts not only the way of telling his story, but also becomes a way of resisting the totalitarian State.

KEYWORDS: Youth dystopia; Maggot Moon; Language; Resistance; Imagination.

Introdução

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 – laiene.araujoo@outlook.com.

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (2004). Professor adjunto do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL). Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 – biellaufu@gmail.com.

A Literatura Juvenil é um subgênero literário que se refere a obras literárias que são escritas e pensadas especialmente para o público adolescente, abordando temas e estilos que se conectam com suas vivências e os interesses dessa fase da vida com representações da categoria sociocultural da juventude. De acordo com Antunes (2019), se trata de uma literatura que possui seu próprio valor estético, com características que a diferem das demais categorias, pois destaca-se por abordar questões de crescimento, amadurecimento e os conflitos próprios da juventude, como a busca pela identidade, o sentimento de pertencimento, o enfrentamento de dilemas éticos e emocionais.

Ainda assim, a literatura juvenil, desde suas origens no século XIX à sua consolidação no século XX, enfrenta resistências, por ser pouco reconhecida e muitas vezes considerada um mero produto de consumo. Para Andruetto (2019), é crucial pensarmos a literatura juvenil sem estereotipá-la, um cuidado que deve partir tanto do leitor quanto do autor para não reduzi-las em narrativas meramente didáticas ou moralizantes e defende uma literatura que não subestime a capacidade interpretativa do jovem. Por isso, são narrativas que possuem valor em si mesmo e temáticas complexas, sem esquecer da sua potencialidade em formar uma sensibilidade para a linguagem literária. É um subsistema literário, cujo adjetivo é apenas para informar sobre o endereçamento para o segmento juvenil, nunca uma categoria estética; esta é a que significa o substantivo em questão.

Considerando essa perspectiva, este trabalho propõe uma análise da obra *Lua de larvas*, de Sally Gardner, um romance que dialoga com o clássico distópico 1984, de George Orwell, que, embora não tenha sido pensada inicialmente para o público jovem, tornou-se canônica e é referência em diversos campos literários, configurando-se hoje como uma das mais importantes e pioneiras obras distópicas da literatura mundial. A partir dessa conexão, apresentaremos as características estruturais das distopias literárias e buscamos não só compreender a obra em si, mas também compreender as reflexões que as temáticas da narrativa provocam no leitor.

A Literatura Distópica Juvenil

O século XX foi marcado por profundas transformações. O avanço científico aliado à supervalorização da razão, contrastando com as guerras mundiais, ditaduras e regimes totalitários, fez com que a relação do homem consigo mesmo e com a sociedade fosse repensada. Diante deste cenário de frustração, o homem passou a temer o futuro, e é nesse contexto que emergem as distopias literárias, revelando as falências da modernidade.

Para Kopp (2011 citado por RODRIGUES, 2015), a conceituação da literatura distópica se constitui essencialmente como uma crítica às condições sociais ou sistemas políticos existentes, mostrando suas falhas e contradições:

As distopias revelam um mundo pior a partir do exagero, por exemplo, na aplicação de leis, modos de dominação, sistemas econômicos ou políticos, costumes, ideologias ou crenças contemporâneas (mas não necessariamente diferente deste). (Kopp 2011 apud Rodrigues, p. 31).

Kopp (2011, citado por Rodrigues, 2015) também acrescenta o aspecto de advertência presente nas distopias para demonstrar as consequências potenciais de circunstâncias presentes não corrigidas: "A ficção distópica é sempre uma história intencional de advertência – que se refere a uma sociedade imaginada e projetada no futuro – que deve causar assombro aos leitores." (Kopp, 2011, apud Rodrigues, 2015. p. 31) Nesse sentido, ela se insere no campo das "profecias não realizadas", antecipando medos e sentimentos que poderão ser vivenciados no futuro. Assim, além de cumprir um papel de crítica social, ela faz uma advertência expressando os temores associados ao contexto histórico em que é produzida.

Os aspectos estruturantes das ficções distópicas, segundo Rodrigues (2015), são o uso das desfamiliarização do espaço e do tempo na narrativa, pois ao colocar problemáticas em um cenário distante no tempo e espaço como se não pertencesse à realidade do leitor, ela leva-o a enxergar problemas a sua volta que lhe teriam parecido naturais sem o distanciamento.

Entre as temáticas que são recorrentes na construção dessas sociedades distópicas, destacam-se o controle exercido pelo Estado, líderes cruéis, a opressão do homem, a anulação das diferenças e da individualidade. São, geralmente, sociedades destruídas por conflitos ou guerras, a tecnologia é instrumento de poder, os meios de comunicação são usados para o controle e manipulação das grandes massas, e há a segregação de grupos para impor obediência.

É um gênero que explora cenários pessimistas e autoritários, trazendo reflexões sobre as consequências de sociedades que priorizam o controle e a opressão, além de propor uma perspectiva única sobre a natureza humana e a sociedade. Ancorada na perspectiva de Book (1994), a pesquisadora Paula Martins Rodrigues (2015) explica no trecho abaixo como as distopias funcionam:

Dissemos que as utopias eram filhas do seu tempo, criando mundos perfeitos que eliminavam o mal encontrado na realidade; as distopias se prestam a esse papel de forma mais crítica e forte – elas também apanham elementos da realidade para criar suas sociedades imaginárias, mas o fazem em um processo diferente: ao invés de

consertar a realidade, elas levam as condições que consideram viciosas a um extremo tal que faz com que o leitor, ao se deparar com o mundo imaginado, reconheça a corrupção do seu. (Rodrigues, 2015, p.30)

Sendo assim, as distopias na literatura têm raízes em preocupações sociais, políticas e tecnológicas de seus tempos e, por isso, se dissociam das utopias. É um gênero mais contemporâneo se apresenta de forma mais política, com forte ligação com a ciência e preocupação com o futuro.

A respeito dos seus aspectos estruturais como o tempo e o lugar nessas obras advém de um tempo e lugar destruídos e uma sociedade corrompida. Além disso, elas projetam sociedades fictícias em mundos ou futuros distantes, exagerando elementos da realidade para que assim, deslocados, enxerguemos o que está a nossa volta e, por isso, elas não preveem o futuro, mas nos alerta e desperta o desejo de mudança e indignação da realidade. O romance *Nós*, do soviético Yevgeny Zamyatin, escrito entre 1920 e 1921, é reconhecido como pioneiro na ficção científica por abordar distopias totalitárias. Posteriormente, este gênero foi consolidado no ocidente por Aldous Huxley, com a obra *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932, e *1984*, de George Orwell, publicado em 1949.

A obra *Lua de Larvas*, de Sally Gardner

O livro *Lua de larvas* é um romance distópico juvenil, publicado em 2014, pela escritora britânica Sally Gardner. A obra venceu grandes prêmios, como “Costa Children’s Book Award”, em 2012, e o prêmio “Carnegie Medal”, em 2013. A autora Sally Gardner nasceu no ano de 1954, em Birmingham, Reino Unido. Gardner foi desenhista de cenários para teatro, ilustradora e escritora de livros infantis e juvenis. Publicou outras obras como *I, Coriander*, em 2005, *O Colar Vermelho*, em 2007, e *Três Pickles em Conserva*, em 2013.

A história é narrada em primeira pessoa pelo jovem de 15 anos Standish Treadwell, que vive em um planeta chamado Terra Mãe, no ano de 1956, junto de seu avô Harry Treadwell e, posteriormente, a família Lush, em uma casa da Zona Sete. A obra discute temas como a busca de identidade, relacionamentos humanos, bullying e dislexia. O cenário assemelha-se à Terra nas décadas de 50 e 60, com vários elementos do passado e do futuro, como carros Cadillac, Jaguar, as roupas da época, as tvs em preto e branco, remédios e as comidas. Além disso, o enredo é situado em um cenário pós-guerra, em um regime totalitário que tem uma busca obsessiva pelo maior feito da humanidade: a chegada do homem à lua.

Ao longo dessa história, ocorrem muitos episódios traumáticos para Standish Treadwell, como o desaparecimento de seus pais, de seu melhor amigo Hector Lush e a morte

de seu colega de sala, Eric Owen. Para Treadwell, enfrentar essas perdas e desaparecimentos era como “buracos”.

Tinha me ocorrido então que o mundo era cheio de buracos, buracos nos quais você caía para nunca mais ser visto. Eu não conseguia ver a diferença entre o desaparecimento e a morte. Pareciam a mesma coisa para mim, deixavam buracos. Buracos no coração. Buracos na vida. (Gardner, 2014, p. 32).

A história é cercada por um mistério, visto que o protagonista busca saber o que, de fato, está acontecendo ao seu redor por meio de lembranças de fatos passados. Assim, ser adolescente em uma nação totalitária já é um desafio por si só, mas a situação de Standish é ainda mais complexa. Ele é órfão, considerado "impuro" e frequentemente lida com figuras ameaçadoras como os Moscas-Verdes e os homens de casaco de couro. Ao questionar as mentiras disseminadas pelo regime e buscar a verdade escondida sob camadas de propaganda se transformam em gestos, que embora pareçam simples, carregam um peso enorme naquele mundo ficcional corrompido.

Com a chegada da família Lush, ele conhece seu amigo Hector Lush e juntos fabulam ideias e passam a construir uma amizade muito forte e genuína. Em uma de suas brincadeiras, Standish fala da sua descoberta do Planeta Juníper, onde havia pessoas boas, que não matam e nem desaparecem pessoas. Este lugar é criado pelo desejo de superar os horrores vividos por ele. Um de seus sonhos era que os juniperes os salvassem e os levassem para viver na terra das Croca-Colas, longe da Terra Mãe. Essa força imaginativa a salva, leva-o a questionar e buscar a forças para sobreviver no meio daquele lugar opressor, avesso às diferenças.

A Terra Mãe é descrita como um país opressor e marcado pela perseguição daqueles considerados "impuros". Entre os instrumentos de controle, destaca-se a imposição da Língua dos Bárbaros ou Língua Mãe sobre a população, criando barreiras para a expressão individual e sendo um meio de consolidar o poder do regime. Nesse sentido, a língua imposta se torna um meio de distanciamento dos indivíduos em relação às suas identidades e das suas formas verdadeiras de se expressarem. Contudo, Standish, percebe esse distanciamento e, por mais que tivesse dificuldades para compreendê-la, ele lidava com ela:

O que descobri sobre as línguas é o seguinte: quando você não é bom em ler e escrever, você se torna um gênio em ouvir palavras. Elas são como música. Você consegue extrair a essência delas. Tudo o que eu precisava fazer era esvaziar minha cabeça, sintonizar na emissão da fala. (Garner, 2014, p. 29)

Na narrativa de Gardner, não há informações a respeito da estrutura lexical e características da Língua dos Bárbaros. Na obra *1984*, a Novafala é caracterizada pela

supressão de palavras e conceitos, pois o Grande Irmão acredita que é preciso “[...] estreitar o âmbito do pensamento” (Orwell, 2009, p.69). Outra semelhança possível de ser observada em ambas as obras são os nomes das instituições como “Terra Mãe” em *Lua de Larvas*, e em *1984*, “Grande Irmão”; a vigilância constante das pessoas nas ruas e nas casas como as câmeras e tvs e em ambas as narrativas são ambientadas após conflitos bélicos. Nas duas narrativas há a prática de recrutar pessoas para colaborar na manutenção do totalitarismo, como os espões, os Moscas-Verdes e a Juventude da Terra Mãe que funcionavam a favor dos policiais para a fiscalização e denunciar as pessoas para o regime.

Além de utilizar a imaginação para enfrentar as adversidades, Stand Treadwell conta com a amizade de Hector.

Você dá sentido a um mundo sem sentido. Você me deu botas espaciais para eu poder pisar em outros planetas. Sem você, estou perdido. Não existe esquerda, nem direita. Nem amanhã, só quilômetros de ontens. Não importa o que aconteça agora, porque encontrei você. É por isso que estou aqui. Por causa de você. Você que eu amo. Meu melhor amigo. Meu irmão. (Gardner, 2014, p.116)

A Juventude da Terra Mãe e os Moscas-Verdes funcionam como organismos de extensões da Presidente da Terra Mãe para vigiar e controlar as pessoas e manter o totalitarismo. Tais mecanismos estruturam essa sociedade marcada pela vigilância e controle, onde cada movimento, cada palavra e até mesmo pensamentos parecem ser monitorados e, com isso, cria-se uma atmosfera tensa e sombria que permeia toda narrativa. Dessa forma, com o poder de controlar e subjugar, eles sustentam um regime totalitário que oprime a liberdade individual e fortalece um sistema de submissão. Por isso, para o protagonista, superar as forças opressivas não significa apenas uma luta contra o poder, mas também uma jornada interna para vencer o medo e encontrar esperança em um lugar que parece ter esquecido o significado de liberdade.

A obra *1984*, de George Orwell

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi um dos mais importantes escritores ingleses do século XX; nasceu em 1903, em Motihari, na Índia, foi um romancista, cronista, ensaísta e crítico inglês. Seu pai era britânico e estudou em colégios tradicionais na Inglaterra. Orwell serviu à Polícia Imperial Indiana, na Birmânia e viveu em Paris e Londres, lutando não só para se tornar um escritor, mas também contra problemas econômicos e de saúde. Dessas experiências surgiram seus primeiros livros, *Na penúria em Paris* e *Em Londres*,

publicados em 1933, *Dias na Birmânia*, publicado em 1934, *A revolução do Bichos*, publicado em 1945 e *1984*, publicado em 1949.

1984, de George Orwell, é um dos clássicos da ficção distópica. O romance conta a história do jovem Winston Smith, que vive em uma nação totalitária chamada Oceania. Em um cenário sombrio e pós-guerra, ele começa a escrever um diário secreto, considerado um ato subversivo para expressar seus pensamentos e revoltas contra o Partido *Socing*. O Grande Irmão governa tudo e a todos, as pessoas são vigiadas, manipuladas e nenhum cidadão tem direito à privacidade. Para se manter no poder, o Partido criou os ministérios para controlar a população, como o Ministério da Verdade, Ministério do Pensamento e o Ministério do Amor. Winston trabalha no Ministério da Verdade e é um dos funcionários responsáveis pela propaganda e reescrita do passado e, neste Ministério, o que não pode ser reescrito é destruído. Contudo, ele começa a questionar e pensar em formas de acabar com esse governo.

Nesse regime, há a imposição da Novafala, cujo objetivo é controlar e estreitar os pensamentos do povo por meio da língua. Para o Partido *Socing*, a revolução será completa quando a Nova Língua for perfeita. Esse propósito é evidenciado no seguinte trecho: “A revolução será completa quando a Nova Língua for perfeita. Novafala é socialismo inglês e socialismo inglês é Novafala” (Orwell, 2009, p.61).

Um de seus aspectos estruturais detalhados na narrativa é a redução do vocabulário. Nela o vocabulário fica menor a cada ano e esvazia o significado das palavras para que caiam no esquecimento toda história e a memória das pessoas. A Novafala é a representação do controle totalitário sobre a linguagem e o pensamento humano e, ao restringir a linguagem, desumaniza os indivíduos e leva as pessoas a aceitarem as decisões do Partido, pois não há palavras e ferramentas linguísticas necessárias para questioná-lo. Servia também como um meio de censura e controle cultural naquela sociedade, pois obras que não se encaixavam com as ideias do Partido eram destruídas.

Tanto na obra *Lua de larvas*, de Sally Gardner, quanto em *1984*, de George Orwell, exploram temáticas semelhantes, como a língua como ferramenta de controle e poder. Assim, uma das semelhanças mais marcantes entre as duas obras é o uso da linguagem como mecanismo de dominação. Em *1984*, Orwell apresenta a Novafala, uma linguagem artificial criada pelo Partido para limitar o pensamento crítico. Por meio da redução do vocabulário, o governo impede os cidadãos de formular pensamentos rebeldes ou contrários ao regime. Em *Lua de Larvas*, Sally Gardner também sugere um controle social exercido pela linguagem e pelo discurso. Verifica-se, portanto, que as duas narrativas se ambientam em contextos distintos, mas a forma como lidam com a linguagem e a construção das sociedades distópicas evidencia uma intertextualidade

significativa. Essa escolha narrativa reforça a crítica ao uso da linguagem para oprimir e marginalizar, uma ideia que ecoa a proposta de Orwell de que a manipulação linguística é um dos pilares do totalitarismo.

A força da imaginação ou, no reino do “e se”, em *Lua de larvas*

O início da narrativa de Sally Gardner é apresentado com o expediente da expressão “e se”.

Gianni Rodari (1982), em *Gramática da fantasia*, propõe, em atividades de criação, o uso da técnica das hipóteses fantásticas. Consiste em formular a pergunta “o que aconteceria se...” O exemplo dado é bem ilustre: “O que aconteceria se um homem acordasse transformado em uma horripilante barata?”. Rodari escreve ser uma hipótese plausível para a criação da obra *Metamorfose*, de Franz Kafka, mas a obra pode também não ter nascido de tal pergunta. Para ele:

[...] mas a sua forma segue, seguramente, o desenvolvimento de uma hipótese fantástica até as suas consequências mais trágicas. No interior daquela hipótese, tudo se torna lógico e humano, carregado de significados abertos a diversas interpretações, em símbolo que vive de sua autonomia e que se adapta a muitas realidades. (Rodari, 1982, p.27)

As hipóteses iniciais de *Lua de larvas* correspondem a fatos lembrados pelo narrador: “E se a bola não tivesse voado por cima do muro/ E se Hector nunca tivesse ido procurar a bola./ E se ele não tivesse guardado o segredo sinistro só para si.” (Gardner, 2014, p. 5)

As três hipóteses dizem respeito aos momentos anteriores ao desaparecimento de Hector, o amigo também resistente aos poderes autoritários do Estado, com seu tentáculo linguístico vigilante e punitivo. Resta, como resistência ao narrador protagonista, a leveza criativa de sua linguagem e a potência de sua imaginação. A implantação da Língua mãe, assim como a imposição da Novafala, em *1984*, de Orwell, e os consequentes desaparecimentos sistemáticos, transformam-se na instituição a ser tensionada. No ambiente da escola, nas relações interpessoais, a escuta para elaboração de sua linguagem é a materialização de sua identidade e resistência ao seu próprio desaparecimento.

A quinta hipótese inicial de *Lua de larvas* resume-se a “E se...”. Pela proposta de Rodari, tal expressão pode ser um dispositivo capaz de relativizar os vazios, as perdas, os desaparecimentos de personagens fundamentais de sua memória pessoal. Segue o seu desejo de lembrança e compreensão, abrindo também vazios textuais potentes para a interpretação criativa da obra. Por meio deste expediente, a narrativa tensiona a língua e sua relação com instâncias de poder e violência de um Estado totalitário.

Língua, poder e violência

A trágica morte de Erick Owen, colega de sala de Standish Treadwell, é um marco doloroso que abala profundamente a sua vida. Este momento intensifica os conflitos internos de Standish e reforça sua revolta diante das opressões e violências que permeiam seu cotidiano. Por consequência, é possível perceber como as perdas pessoais moldaram as suas percepções de opressão naquele lugar em que a violência foi normalizada. Essa experiência ganha importância na narrativa ao revelar a atmosfera sombria que imperava na escola e a forma como o protagonista se apresenta diante das injustiças que sofre. Além disso, esse fato reforça os seus sentimentos de indignação e sofrimento frente à crueldade do regime, pois acontecimentos como esses eram silenciados. Como é sugerido neste trecho: “Você achou que eu nunca tinha visto tamanha crueldade? Todos nós tínhamos. Nada como a morte inesperada e apavorante para manter todos calmos e obedientes” (Gardner, 2014, p. 54).

A violência na escola de Standish Treadwell reflete a brutalidade desse regime que tenta moldar e impor obediências através do medo. O bullying praticado por seu professor e colegas de sala o deixava inseguro na escola. O diretor Harry e o Senhor Gunell são figuras autoritárias a serviço do sistema, principalmente porque sentem desprezo por Standish, devido ao seu jeito e às suas características físicas diferentes. Os sucessivos episódios de violência na escola aumentavam deixando evidente que a escola, que deveria ser um local de ensino e acolhimento, não cumpre esse papel:

[...] Naquele silêncio, minha vontade era gritar a plenos pulmões: por que não existe entre vocês um lobo que seja para nos proteger? Professor. Prestem atenção nesta palavra: professor. Supostamente, sua função é ensinar, não esmurrar a cabeça dos alunos até a morte (Gardner, 2014, p.41)

Assim como Standish, a professora Connolly demonstra uma postura de oposição às normas impostas pelo regime. Ao contrário do Senhor Gunell, que o perseguia, a professora Connolly surge como uma figura empática e sensível às diferenças ao valorizar suas características distintivas em vez de reprimi-las. Essa relação entre os dois desafia o medo e a opressão que prevaleciam não só na escola, mas também na Zona Sete:

A Senhorita Connolly foi a única professora que chegou a dizer que o que faz Standish ser diferente é que ele é original. [...] Hector sorriu quando eu lhe contei isso. Disse que ele mesmo tinha sacado essa de cara. – Tem os que pensam nos trilhos, e depois tem você, Standish, uma brisa no parque da imaginação. (Gardner, 2014, p. 6)

A Zona Sete, lugar em que Standish e seu avô moravam, era descrito como um lugar hostil, cercado por muros altos, cheio de porões e era constantemente vigiado pelas autoridades do regime. O cenário em questão torna-se emblemático ao refletir o controle absoluto do regime sobre as pessoas naquela sociedade. Esse local era destinado àqueles considerados “impuros”, pois o regime era totalmente avesso às diferenças e aos que não seguiam suas normas. Essa era uma forma de acabar com as diferenças e eliminar as possibilidades de resistências naquela sociedade. Nesse caso, nota-se que a diferença era tratada como um perigo e as tentativas de preservar qualquer traço de individualidade era vista como um ato contrário ao Governo da Terra Mãe. Isso é percebido através dos acontecimentos com Standish Treadwell e com a senhorita Conolly, que foi punida pelo regime. Desse modo, a repressão às diferenças torna-se uma forma de controle social, reforçando a ideia de que o sistema autoritário deve ser temido por todos.

Outra manifestação de violência do regime era a imposição à Língua dos Bárbaros para aquela sociedade corrompida. Embora não apresente detalhes sobre suas características estruturais na narrativa, ela é simples e brutal. Em vista disso, essa língua não apenas busca impor obediências, mas também busca restringir a identidade dos indivíduos. O contraste entre essa língua imposta e a resistência da família Lush, do seu avô Henry Treadwell e o próprio Standish Treadwell, é evidente neste trecho:

Ele pediu que todos os que falassem a língua dos bárbaros (ou será que era dos barbeiros?) levantassem a mão. Para o meu espanto, todos levantaram, menos Vovô, eu e os Lush. Nossas mãos ficaram para baixo. Os flashes se acenderam, as lâmpadas espocaram. Eu nunca tinha ouvido falar dessa língua dos bárbaros (ou dos barbeiros). Achei que tinha alguma coisa a ver com o cabelo mal cortado. Foi por isso que não levantei a mão. Vovô não levantou a dele porque sabia que era um truque para dar a impressão de que todos nós estávamos saudando a Terra Mãe, quando não estávamos. (Gardner, 2014, p. 62)

Com isso, a Língua dos Bárbaros, por seus aspectos, também empobrece o imaginário daquela sociedade, ao deixar as pessoas incapazes de aspirar algo além do que o regime permite. Para Standish Treadwell, “discursar para nós foi uma gentileza da Presidente da Terra Mãe. A líder dos marcianos mentecaptos. [...] As palavras dela eram larvas que se enfurnavam na nossa cabeça preocupada, fazendo apodrecer todas as ideias de liberdade.” (Gardner, 2014, p. 44) Essa limitação é superada por Stand Treadwell ao colocar em ação sua imaginação e formas de desmascarar toda farsa que sustentava aquele Governo totalitário.

Linguagem criativa e a imaginação

À medida que a língua molda o que somos capazes de expressar, ela também influencia a nossa capacidade de imaginar e perceber o mundo. Essa relação entre a linguagem e imaginação é uma ponte para visualizarmos a tensão que o personagem Standish cria ao se deparar com a sua própria língua e com a língua imposta. Essa perspectiva é evidenciada no seguinte trecho:

Mas esse era o meu melhor devaneio desde que Hector e sua família haviam desaparecido. A maior parte do tempo, eu tentava não pensar em Hector. Em vez disso, eu preferia me concentrar em me imaginar no nosso planeta, aquele que Hector e eu tínhamos inventado. Júniper. (Gardner, 2014, p. 7)

Standish Treadwell imagina o planeta Júniper, que seria a idealização de um mundo contrário ao que ele estava vivendo: “É assim que eu imaginava que os juniperianos seriam. Naquele planeta, todos estaríamos aquecidos e em segurança em nosso próprio sistema solar, sem percevejos e sem fome.” (Gardner, 2014, p. 31) O planeta Júniper, como obra prima da sua imaginação, é um lugar que precede uma realidade de refúgio do medo e da opressão que o protagonista sofre. Nesse sentido, o personagem constroi uma emancipação imaginativa ao fantasiar uma liberdade que lhe foi negada. Por meio dessa construção, ele cria um espaço simbólico onde pode sonhar aquilo que está fora do seu alcance naquela realidade. Esse movimento imaginativo não apenas revela sua resistência, mas também evidencia a genialidade de sua mente e a sua força criativa diante das limitações impostas pelo regime. Assim, a imaginação torna-se uma forma de transcender a opressão e reivindicar, ainda que de maneira subjetiva, as ordens do regime.

[...] Eu tinha certeza de que tudo de que precisávamos era fazer chegar uma mensagem ao Planeta Júniper, e eles viriam salvar o mundo, tornar possível que eu e Hector fôssemos morar na terra das Croca-Colas. Prometi a Hector que era isso que iríamos fazer. Uma promessa é para ser cumprida. (Gardner, 2014, p. 34)

A amizade entre Standish e Hector era notável. Standish, com sua peculiar forma de ver o mundo, encontra em Hector um companheiro que compreende suas diferenças e compartilha seus sonhos de liberdade. Juntos, eles constroem um vínculo baseado em lealdade e coragem, desafiando os limites impostos por aquela sociedade. Com o desaparecimento de Hector Lush, Standish tem que lidar com o vazio que a ausência de seu amigo provoca e busca respostas desse desaparecimento em meio ao caos que o cerca. Hector é mais do que um amigo para Standish; ele é um catalisador de sua coragem e um ponto de apoio emocional que dá sentido à sua luta contra a injustiça: “– Não, Standish, eu acredito, sim – disse Hector, me

interrompendo. – Acredito que a melhor coisa que temos é nossa imaginação. E imaginação é o que não lhe falta.” (Gardner, 2014, p. 67).

A relação entre os dois reforça temas centrais da obra, como a solidariedade e a força dos laços humanos em momentos de adversidade. Além disso, o desaparecimento de Hector é o evento que impulsiona Standish a enfrentar seus medos e desafiar o sistema, mostrando que essa amizade não é apenas um elo afetivo, mas também o motor de sua transformação pessoal e de sua resistência:

Em vez disso, eu e Hector preferíamos pensar em nosso Planeta Júniper. Ele tinha três luas, dois sóis. O povo que vivia lá era generoso, sábio e pacífico. Eles sabiam quem eram os verdadeiros alienígenas: os Moscas-Verdes e os homens de casaco de couro. Todos eles, dizia Hector, tinham vindo de Marte, o planeta vermelho. Eram marcianos aqui. (Gardner, 2014, p. 34)

Imaginação e resistência

A força imaginativa de Standish Treadwell desempenha um papel fundamental na narrativa e era uma das suas grandes qualidades. Essa habilidade é reafirmada por seu melhor amigo Hector Lush, pela professora Connolly e, de certa forma, por todos ao seu redor. Ao longo da história, Standish expressa seu modo peculiar de imaginar e lidar com o mundo e essa força imaginativa o ajudou a manter viva a esperança em meio à opressão e ao medo. Assim, ele não nega a sua dura realidade, mas a sua imaginação contribuiu para que ele se tornasse um sujeito guiado pela força de resistir: “– Não, Standish, eu acredito, sim – disse Hector, me interrompendo. – Acredito que a melhor coisa que temos é nossa imaginação. E imaginação é o que não lhe falta.” (Gardner, 2014, p. 67).

Ao colocar em ação a sua imaginação ele consegue resistir às diversas violências que sofre, pois esse modo de lidar com realidade transcende as barreiras da violência. A imaginação, nesse sentido, não é apenas um ato criativo, mas uma forma de resistir e transcender os limites impostos por aquela realidade opressora. Assim, o protagonista constroi um espaço de esperança e liberdade na narrativa, que se torna um refúgio para enfrentar as opressões e as brutalidades do regime.

E, assim, o espancamento continuou. Eu pensava na minha carne como uma parede. O eu que está por dentro da parede eles não têm como intimidar, não têm como tocar. Por isso, enquanto eles batiam no tambor da minha pele, fiquei pensando naquele homem de casaco de couro e para onde seu Jaguar preto iria em seguida. Na minha imaginação eu podia ver o carro entrando na nossa rua. (Gardner, 2014, p. 36)

Portanto, a imaginação para Standish Treadwell torna-se um alicerce para a sua resistência, permitindo não apenas a sua sobrevivência, mas a construção de possibilidades para transformar a sua realidade. Ao construir essa forma de resistência, o protagonista põe em prática o seu plano para desmascarar publicamente a farsa de chegada à lua promovida pelo Governo da Terra Mãe. Nesse sentido, a sua resistência não se limita a não se adequar a um sistema opressor, mas também propõe um modo de existir por meio das forças imaginativas, mantendo-se consciente desse viver para enfrentar as tensões que lhe são impostas. Dessa forma, as suas aspirações por mudança e justiça refletem como a imaginação pode se tornar um ato de força e de esperança em tempos sombrios.

Standish Treadwell sabia que, após a presidenta da Terra Mãe concluir o seu plano terrível, todos os envolvidos seriam mortos. Na descrição do narrador:

Se você for inteligente, souber mais do que deve. vai sobressair como um céu verde acima de um campo azul; e, como todos nós sabemos, a Presidente da Terra Mãe acredita que pintores que façam esse tipo de quadro devem ser exterminados. (Gardner, 2014, p. 48)

Ao descobrir as mentiras e farsas do governo, ele passa a ser visto como uma ameaça a esse governo autoritário. A sua transformação, impulsionada pelas lembranças de seus momentos com seus pais, pelas experiências vividas com seu amigo Hector Lush e pelo desejo de morar em um planeta melhor, transmite uma mensagem de resiliência na narrativa.

O universo distópico apresentado na narrativa de Garner conecta e provoca o leitor a pensar sobre a individualidade, o valor da coragem e o poder da imaginação em tempos difíceis:

Por um instante, os Moscas-Verdes, o homem do casaco de couro e os mandachuvas ficam sem palavras. Este é o meu momento. Nem chega a um minuto, um rápido instante. Mas pode ser que tudo o que é necessário seja um rápido instante para mudar o curso da história. Estou na Lua. Sou a pedra. Foi destruída a Lua de larvas. (Gardner, 2014, p. 131)

A partir deste trecho, pode-se observar que apesar de ser um personagem constantemente subestimado por sua aparência e modo de falar, ele encontra força em sua singularidade e capacidade de desafiar as expectativas. O tempo, embora breve, é apresentado como suficiente para "mudar o curso da história". Essa observação reflete uma das principais mensagens da narrativa: mesmo os gestos aparentemente pequenos podem ter impacto enorme no mundo e na História. A parte “Estou na Lua. Sou pedra” (Gardner, 2014, p. 132) reflete a fragilidade e também a força desse personagem. A lua, tradicionalmente associada às aspirações e sonhos, e que está presente no título e na temática da obra, é aqui também o espaço de resistência.

Em uma nação opressora, onde as liberdades individuais são restritas e a verdade é manipulada, a capacidade de imaginar algo além da realidade torna-se um ato de resistência. Assim, Standish utiliza sua imaginação como uma ferramenta de resistência, não apenas para escapar das limitações de seu ambiente, mas também como forma de visualizar um futuro melhor. Esse poder de criar mentalmente outras possibilidades reflete a importância da imaginação como um mecanismo de transformação pessoal e coletivo. Ao longo da narrativa, a lua de larvas representa não apenas a mentira propagada pelas elites governamentais, mas o próprio cenário de controle e manipulação. O final, marcado pela destruição desse espaço, simboliza a queda das armadilhas do governo autoritário e marca a possibilidade da construção de um mundo distinto do qual vivia, semelhante ao que Standish imaginou.

E se...

Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar uma análise literária da obra *Lua de larvas*, de Sally Gardner, que está inserida no universo da literatura distópica juvenil. Ainda, apresentamos as referências que a narrativa faz ao clássico Orwelliano *1984*, nos revelando um campo rico de reflexão sobre a linguagem, imaginação e resistência dentro dos contextos distópicos.

O referencial teórico, composto por Andruetto (2012), Antunes (2019), Rodrigues (2015) e Kopp (2011), os dois últimos especialistas da área da literatura distópica, nos permitiu visualizar questões que permeiam as estruturas das narrativas distópicas, como por exemplo seu surgimento e seu funcionamento na literatura. Além disso, por meio de Rodari (1982), analisamos como a imaginação do protagonista emerge de forma potente, configurando um ato de resistência na narrativa.

Por fim, esta é uma história que cria uma experiência literária única ao mostrar que a imaginação é uma chave para a subversão e resistência, que permite vislumbrar e aspirar à liberdade, apesar dos mecanismos de controle em vigor. Dessa forma, é uma obra que permite ao leitor explorar a jornada de Standish Treadwell e, assim, conectar com suas percepções e acreditar na força da imaginação e na amizade em momentos difíceis.

Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ANTUNES, Benedito. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

GARDNER, Sally. **Lua de Larvas** [livro eletrônico]/Sally Gardner; tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Editora WMF Martins, 2014.

KOPP, Rudinei. **Quando o futuro morreu?** Mídia e sociedade na literatura distópica de Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. 319p.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo, Summus, 1982.

RODRIGUES, Paula Martins. **A narrativa distópica juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente**. Dissertação de Mestrado em em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.